



O meio ambiente em pauta: como se dá a prática do Jornalismo Ambiental e do *Civic Journalism* no jornal Diário de Santa Maria¹

Luiz Henrique COLETTO²
Gabrielli Siqueira DALA VECHIA³
Anelise Schütz DIAS⁴
Cristiano MAGRINI⁵
Felipe Viero KOLINSKI MACHADO⁶
Luciana Reginalda da ROSA⁷
Mariana Cervi SOARES⁸
Márcia Franz AMARAL⁹

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Esse trabalho possui como objetivo analisar de que modo o meio ambiente é abordado pelo jornal Diário de Santa Maria, veículo impresso, diário e de produção local de maior circulação na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Para isso, selecionou-se um período contínuo para a coleta do *corpus* da pesquisa, sendo esse os meses de janeiro e fevereiro de 2010. Além disso, relacionou-se a cobertura ambiental em questão aos conceitos do *Civic Journalism* com o intuito de refletir sobre uma representação ideal dessa temática.

Palavras-chave: meio ambiente; jornalismo ambiental; *civic journalism*; gêneros jornalísticos; *Diário de Santa Maria*.

Introdução

Questões relacionadas ao meio ambiente são pontos constantes de discussão. Na esfera pública, na esfera privada, nos veículos de comunicação hegemônicos e nos veículos de comunicação comunitária. Seja em casa, seja nas ruas, nos jornais, nas rádios ou nas televisões. Não é mais uma novidade. Mas continua sendo pauta.

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: luiz.media@gmail.com.

³ Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: gabriellidalavechia@yahoo.com.br.

⁴ Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: aschutzdias@hotmail.com.

⁵ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: cristiano.magriniodrigues@gmail.com.

⁶ Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: felipeviero@yahoo.com.br.

⁷ Estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: lu.facos@gmail.com.

⁸ Estudante do 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: mariana.cs@live.com.

⁹ Orientadora do trabalho. Prof. Dra. do Curso de Jornalismo da UFSM, e-mail: marciafranz.amaral@gmail.com.



Para que uma cobertura ambiental seja eficiente, para que ela consiga atingir o seu público, entretanto, ela deve seguir determinados pontos. O pesquisador Wilson Buenos trata desta questão. O Jornalismo, que se proponha a ser ambiental, deve primar pela inclusão da população em seu debate, deve contextualizar as informações, deve ser multidisciplinar e não pode, para isso, cair na falsa ideia de que isso pode ser feito de modo sensacionalista ou baseado no “marketing verde”.

Do mesmo modo, para que, por meio de seus diferentes gêneros (tomados aqui a partir do que conceitua José Marques de Melo), o jornalismo seja bem sucedido nessa empreitada, ele deve guiar-se pelo interesse público e buscar soluções para os problemas que apresentar. Não basta dividir o assunto em categorias abstratas, como Geral, Política e Economia. Aliás, talvez essas secções apenas o atrapalhem em suas realizações. Mas, na prática, como se dá a relação dessa série de conceitos?

O Diário de Santa Maria é o principal veículo impresso de caráter diário (e de produção local) da cidade que lhe dá nome. Segundo dados repassados pelo veículo, e sancionados pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), a circulação média do jornal é de 18.395 exemplares por dia, ocorrendo variações na edição de final de semana. Nos meses analisados nesse trabalho (janeiro e fevereiro de 2010) a circulação média foi de, respectivamente, 18.051 exemplares no primeiro mês e 17.973 exemplares no segundo.

Baseando-se na circulação expressiva desse produto midiático, e considerando que nos meses pesquisados ele teve ampla cobertura sobre meio ambiente, analisamos de que modo se deu essa cobertura, em quais gêneros jornalísticos o tema foi prioritariamente abordado e se ela foi realizada de acordo com os ideais propostos pelo modelo do *Civic Journalism*.

Os gêneros da produção jornalística

O jornalismo divide-se em função de duas categorias essenciais, segundo a definição de Marques de Melo (2003): a informação e a opinião. Dentro da classificação de jornalismo informativo estão a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista. Já no grupo do jornalismo opinativo estão o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta do leitor.

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão no processo de configuração; a notícia ao relato na íntegra de um fato que já eclodiu na sociedade; a



reportagem à ampliação de um acontecimento que já repercutiu e produziu efeitos sociais que foram considerados de relevância pela instituição jornalística; a entrevista, por sua vez, privilegia um ou mais protagonistas de um fato, dando-lhes espaço para explicar temáticas pautadas pelo profissional da comunicação.

O comentário, o artigo e a resenha têm autoria definida e explicitada, pois desta forma orienta-se a sintonização do receptor com o tema em questão. Já o editorial não tem autoria, constituindo-se como espaço da opinião institucional. A coluna, a crônica, a caricatura e a carta do leitor também têm em comum o traço da identificação da autoria. A coluna e a caricatura emitem opiniões em um espaço temporal contínuo, determinado pelo emergir e repercutir dos acontecimentos sociais. Já a crônica e a carta não coincidem com a emergência do acontecimento, mantendo-se atuais mesmo algum tempo após o desenrolar dos fatos. A carta do leitor resgata o outro lado do fluxo jornalístico: o do receptor; enquanto a crônica e a coluna incorporam a óptica da comunidade ou dos grupos sociais aos quais a instituição jornalística se dirige ou pretende representar.

Os gêneros jornalísticos e o Diário de Santa Maria

O *corpus* dessa pesquisa, correspondente às matérias relacionadas ao meio ambiente, publicadas no Diário de Santa Maria nos meses de janeiro e fevereiro de 2010, trouxe, mediante análise, os seguintes gêneros: nota, notícia, reportagem, editorial, artigo, crônica e carta dos leitores.

As notas caracterizaram-se pela brevidade com que as informações ali apresentadas foram relatadas e por possuírem um enfoque nem sempre ambiental, tendendo para a análise econômica ou política desses fatos. Uma das notas analisadas, por exemplo, tratava do preço do gás natural no Rio Grande do Sul. Outra relatava rapidamente o primeiro dia da nova empresa de coleta de lixo da cidade, entrando na classificação de geral/informes públicos.

A notícia era mais completa que a nota, embora ficasse apenas no âmbito do relato, não aprofundando a problemática ambiental. Nesse gênero, esse tema apareceu como secundário e atrelado à política, à economia e à editoria de assuntos gerais.

A reportagem foi o único gênero que teve o meio ambiente como temática principal. Isso é evidenciado a partir de um texto desse caráter publicado no *Caderno MIX*, espaço de variedades, publicado no jornal aos finais de semana. Por meio de



mapas, desenhos e outras ilustrações, a reportagem mostrou quais são os mais importantes cursos d'água da região e o quanto a ação humana os tem degradado. Apesar disso, contudo, em momento algum da matéria foram propostas soluções para os problemas apresentados.

Já em outra reportagem do dia oito de janeiro, publicada na editoria *Geral*, o enfoque foi semelhante ao de outros gêneros presentes na publicação. Nas cinco páginas do texto, quatro delas abordavam a história de quatro pessoas falecidas na queda da ponte sobre o Rio Jacuí, enquanto apenas uma discutia as questões ambientais, salientando o viés econômico desse acontecimento em específico.

Os editoriais publicados correspondem à *Opinião da RBS*, grupo proprietário do jornal *O Diário de Santa Maria*, e refletem o posicionamento dessa empresa em relação a determinados assuntos que tenham tido repercussão. Os artigos, entretanto, trouxeram a opinião de leitores, fossem eles especialistas em determinados temas, como o caso de uma pedagoga que escreveu sobre educação ambiental, ou que apenas tivessem um ponto de vista sobre determinado tópico, caso do engenheiro civil que apontou a importância da ajuda a países como o Haiti, atingido por um terremoto.

As cartas dos leitores apresentavam o posicionamento desses perante a mensagem recebida ou perante algum acontecimento social relevante, trazendo questões como a insegurança de um parque público municipal e a postura das pessoas em relação ao meio ambiente.

De janeiro a fevereiro de 2010 foram publicadas, dentro desses diferentes gêneros, vinte e sete matérias abordando a temática ambiental, sendo oito cartas dos leitores, três editoriais da RBS, oito reportagens, incluindo aí a reportagem do caderno *MIX*, um caderno especial, uma notícia, três notas, dois artigos e uma crônica.

Jornalismo Ambiental: definições e possibilidades

O Jornalismo Ambiental, especificamente, possui algumas características que o afastam de outras segmentações do mesmo ramo. De acordo com Wilson Bueno, ele pode ser definido como

o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado. (BUENO, 2007, p. 35)



Isso não significa, é claro, que em função desse comprometimento ele deixe de estar, do mesmo modo, comprometido com outros pontos tão caros à comunicação, tais como o pluralismo e a diversidade, e tampouco quer dizer que ele abandone tantos outros aspectos comuns aos demais jornalismo, que, na verdade, estão a ele intimamente relacionados.

O que deve ser destacado, apesar disso, é que ele possui três funções básicas (BUENO, 2007, p 35 e 36), a informativa, a pedagógica e a política, as quais são essenciais para a sua qualificação e para o seu êxito. A função informativa refere-se ao preenchimento da “necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental”. A pedagógica à “explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos” e a política, por sua vez, à “mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental”.

Nesse sentido, uma cobertura que se proponha efetivamente a tratar de questões relacionadas ao meio ambiente, precisa preencher determinados quesitos, ir ao encontro de certos princípios e abordar essa temática de modo amplo e contextualizado.

Para isso, devem-se evitar determinadas síndromes das quais o jornalismo nacional, conforme Bueno, vem padecendo. A *síndrome do zoom ou do olhar vesgo*, por exemplo, que resulta na extinção de uma perspectiva multidisciplinar da cobertura, bem como a *síndrome da baleia encalhada*, que resulta na espetacularização do fato e na incapacidade de realizar um trabalho coerente e representativo, não podem afetar as redações, sob risco de contaminação de todo o sistema jornalístico.

A cobertura ambiental no Diário de Santa Maria

Inicialmente, é necessário destacar que, nesse trabalho, compreendeu-se meio ambiente como

o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.). (BUENO, 2007, p.35)



É, do mesmo modo, importante expor que alguns acontecimentos específicos, em função de seus valores-notícia e em função de sua relevância para a cidade e para a região, foram recorrentemente tratados ao longo dos dois meses de análise. Dentre eles, podem-se mencionar as fortes chuvas daquele período, que atingiram todo o estado e causaram, além de danos ambientais, transtornos de ordem político-administrativa, social e econômica.

A temática ambiental esteve presente, nas páginas do Diário, na maior parte dos dias pesquisados, especialmente ao longo do mês de janeiro. Ela foi abordada sob diferentes pontos e em diferentes posições dentro do jornal, embora determinadas formas tenham sido prioritárias em detrimento de outras.

A reportagem do dia oito de janeiro, por exemplo, se analisada com base nas definições de Bueno, não cumpriu com as funções básicas do jornalismo ambiental, ao menos não com a pedagógica e com a política, e tampouco foi abrangente e contextualizada. Na verdade, foi até uma ilustração das síndromes mencionadas, tendendo para uma perspectiva unilateral e pela espetacularização de um acontecimento.

O mesmo ocorreu em um caderno especial que trouxe uma reportagem intitulada “O prejuízo de A a Z”. Essa matéria, publicada no sábado, dia trinta de janeiro, trouxe como chamada de capa a frase “Chuvas levaram pelo menos R\$ 515 milhões” e se propunha a abordar as perdas na “agropecuária, habitação, infraestrutura de transportes” sofridas pela região.

A reportagem foi abrangente, se analisada sob a perspectiva de que apurou as perdas econômicas de mais de trinta cidades e, apoiada em especialistas, chegou a uma cifra que, conforme mencionado no próprio texto, permitiria a aquisição de mais de dezessete mil carros populares. Por outro lado, torna-se extremamente limitada se for considerado o fato de que, ao longo de todo o seu texto, outros aspectos tão importantes quanto esse não foram sequer citados. Em uma situação como essa, que atinge tantos municípios, ignorar prejuízos de ordem financeira seria inconcebível, entretanto, não discutir a ação humana e a sua parcial responsabilidade pelas enchentes, ilustrada pela destruição da mata ciliar, também o é, do mesmo modo.

Os textos enviados pelos leitores apontavam, possivelmente além de muitos outros pontos, o interesse do público por questões ambientais e a carência de um viés mais crítico e mais comprometido com questões dessa ordem.

Em geral, foi nos editoriais, “Opinião da RBS”, que o assunto encontrou-se contextualizado e tratado de um modo mais interdisciplinar. Nesses textos, mesmo



discutindo questões políticas e econômicas, foi estabelecida uma ligação com os aspectos sociais e ambientais. Um exemplo foi o editorial “Ambiente e responsabilidade” que levou em conta a postura hostil do homem perante a natureza. Embora válido, contudo, deve-se salientar que não é apenas em um texto institucional que o jornalismo ambiental pode ser experimentado.

Dentre outras reportagens, que abordaram pontos como a coleta de lixo do município e mudanças da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, notas e uma crônica que trazia posturas adequadas em relação à natureza, um texto merece destaque pela sua estrutura e composição distinta de todo o *corpus* analisado.

“Rios: à margem do descuido” foi a reportagem publicada pelo Caderno *MIX* e, ao longo de três páginas, discutiu-se o papel de relevantes bacias hidrográficas, ao mesmo tempo em que conceitos vitais eram expostos. Foi nesse material, especificamente, que apareceram termos como “graves processos erosivos”, “disposição inadequada de resíduos urbanos” e “significativa retirada de água para irrigação de arroz”.

Em linhas gerais, avaliando todo o material analisado, e considerando diversos pontos levantados por Wilson Bueno, observa-se que a cobertura ambiental do jornal *Diário de Santa Maria*, ao menos durante os dois meses em questão, não é a ideal. Ela possui pontos positivos, mas que são sobrepostos por uma cobertura limitada a determinados aspectos, rasa quando predominantemente ambiental e que, em casos de tragédias desse caráter, aproxima-se perigosamente de um modelo de imprensa sensacionalista. Além disso, não aponta caminhos a serem seguidos, tampouco ações possíveis de serem assumidas pelo cidadão.

Outro aspecto que emergiu, mediante essa análise, refere-se às dificuldades em pensar o Jornalismo Ambiental, que deve primar pela multidisciplinaridade, em um jornalismo recortado por editorias.

Mar de Fontcuberta (2006) propõe, como alternativa a esse modelo seccionado, o *Jornalismo Sistema*. Para a autora, esse novo modelo de jornalismo

significa, em primeiro lugar, a busca da máxima transparência na produção de suas pautas jornalísticas [...] significa também adotar determinados procedimentos para organizar articuladamente as informações e oferecer significado aos acontecimentos; implica oferecer um explicação e um seguimento dos fatos noticiáveis que leve em conta o processo de seu desenvolvimento desde todas as suas



perspectivas necessárias para sua compreensão multidisciplinar.
(FONTCUBERTA, 2006, p. 42).¹⁰

Desse modo, o modelo de Jornalismo Ambiental proposto por Bueno aliado a uma nova estrutura jornalística, conforme sugere Fontcuberta, talvez possibilite a superação das falhas que afetam a cobertura ambiental e resulte em um novo padrão, voltado, preferencialmente, para o interesse público.

O Civic Journalism: conceito e aplicações

O *Civic Journalism* surge nos Estados Unidos, na década de 1980, por meio do jornalista Davis Merrit. Ele defendia um modelo de jornalismo que realmente tratasse de assuntos de interesse público para provocar a participação ativa da população nas pautas da mídia.

Em função disso, durante as eleições de 1990 do Kansas, ele e sua equipe realizaram uma cobertura mostrando as posições dos candidatos sobre as necessidades da população em matérias detalhadas e extensas, as quais traziam informações atuais e contextualizadas e análises aprofundadas a respeito das temáticas abordadas. Foi o marco inicial para o *Civic Journalism (CJ)*.

Esse modelo, que em português pode ser chamado de “Jornalismo Público”, corresponde a uma forma diferente de pensar o jornalismo, sendo contrário a alguns conceitos de notícia muito utilizados na imprensa ocidental, tais como a Teoria do Espelho, na qual as

notícias são um espelho da realidade e, antes disso, jornalistas são observadores neutros que utilizam determinadas técnicas estilísticas apenas para reproduzir histórias, sem nelas interferir. (TRAQUINA, 1993 *apud* FERNANDES, 2008, p.27).

Ao contrário dessa teoria, o “Jornalismo Público” não se ocupa apenas de noticiar os fatos, nem faz da neutralidade da mídia uma bandeira. Ao invés disso, ocupa-se de explorar os acontecimentos em profundidade e, dessa forma, não se atém ao foco do problema social, mas sim em buscar uma solução para ele.

¹⁰ Original: “significa, en primer lugar, la búsqueda de la máxima transparencia en la producción de sus pautas periodísticas [...] significa también adoptar determinados procedimientos para organizar articuladamente las informaciones y ofrecer un significado a los acontecimientos. Implica ofrecer una explicación y un seguimiento de los hechos noticiables que tenga en cuenta el proceso de su desarrollo desde todas las perspectivas necesarias para su comprensión pluridimensional.” (Livre tradução dos autores).



O valor-notícia, portanto, é proposto no sentido de auxiliar o público, orientando-o para questões pertinentes que fazem parte de sua realidade e analisando as problemáticas na procura de explicações e resoluções. O jornalista cívico (ou público) ajuda a construir a esfera pública, instituição de convívio onde transitam as experiências e os conhecimentos. Para isso, o que se propõe é uma “abordagem continuada de um tema, maior engajamento das comunidades, debate alargado” (FERNANDES, 2008, p. 96) para que as relações entre emissores e receptores sejam modificadas.

O *Civic Journalism* e o Diário de Santa Maria

Ao longo do período de análise do jornal e levando em conta a cobertura ambiental feita por esse veículo e as definições do “Jornalismo Público”, buscou-se descobrir se esse modelo era ou não aplicável ao jornalismo praticado pelo Diário e, se sim, de que modo isso vinha sendo feito.

O que se percebeu foi que, se há épocas em que a produção segue características do *Civic Journalism*, em pontos como a continuidade no tratamento de assuntos, em outros momentos ela se afasta do modelo, em situações em que distancia a população dos problemas apresentados.

Um exemplo disso foi a reportagem do caderno especial “O prejuízo de A a Z”. Nesse caderno, ao invés de matérias jornalísticas que procurassem incentivar uma produção maior de conhecimento e o desenvolvimento de situações que possibilitassem a resolução do problema, elas meramente apontaram dados econômicos e estatísticos sobre o desastre.

Nesse sentido, a importância da prática do “Jornalismo Público” pela imprensa torna-se clara e pode ser representada pela citação de Jan Schaffer que, em relação ao *CJ*, o define como um modelo de jornalismo

que ajude as pessoas a superarem sua sensação de impotência e alienação, desafiando-as a envolver-se e tomar para si a responsabilidade sobre problemas comunitários. (SCHAFFER, 2001 *apud* FERNANDES, 2008, p.56)

Já em relação à continuidade da temática ambiental, ela pode ser ilustrada, no mês de janeiro, a partir da aparição de três editoriais no período de apenas sete dias, todos falando sobre algum aspecto relativo ao assunto.



O primeiro, no dia cinco, chamado “Insegurança Ambiental”, sobre a falta de ação do governo quanto à segurança ambiental e sobre a necessidade da população mostrar-se mais responsável em relação à natureza; o segundo, no dia nove, intitulado “Ambiente e responsabilidade”, que enfatizou a necessidade da população reavaliar a questão da responsabilidade social com o meio ambiente; e o terceiro, do dia doze, chamado “Os desastres do verão”, o qual fez uma análise das tragédias naturais do início de ano e abordou a falta de políticas públicas de prevenção a desastres naturais.

Dessa forma, os editoriais foram concebidos como um dos pontos da cobertura jornalística, do veículo em questão, que mais se assemelharam com o *Civic Journalism*. A partir da leitura dessa sequência de editoriais, percebeu-se a intencionalidade da empresa em focar um assunto específico e de continuar a sua discussão, não permitindo que ele passasse despercebido pela sociedade.

Durante o mês de fevereiro, a cobertura ambiental tornou-se menos intensificada do que no mês anterior. A reportagem publicada no Caderno *MIX*, entretanto, tratou diretamente desse assunto. Detalhando e explorando bem a questão dos problemas ambientais das águas dos rios da região, o texto exemplificou um dos aspectos fortes do *Civic Journalism*: o de produzir materiais explicativos e aprofundados. No entanto, a reportagem mostra apenas a problemática ambiental, ou seja, o fato é apenas narrado e não se apontam possíveis soluções práticas para estes problemas, uma das missões do jornalismo público que foi negligenciada.

Quanto ao restante do material coletado em fevereiro, percebeu-se que o jornal prioriza em suas notícias, notas e reportagens, outros tópicos relacionados ao meio ambiente, como, por exemplo, problemas na coleta seletiva municipal e a retomada de construção de barragens regionais.

Mediante análise desse material, observou-se que a continuidade dos assuntos não é tão presente quanto em janeiro (momento em que havia um assunto impactante em discussão). Apesar disso, é interessante reparar que a matéria de página inteira do dia dezesseis, sobre a melhora da coleta seletiva municipal, traz opiniões de vários moradores da cidade, o que se relaciona, em parte, com as características de interatividade com o público propostas pelo “Jornalismo Público”.

Um fato positivo, que se tornou evidente durante os dois meses da pesquisa, foi a grande participação da população santa-mariense nas edições do jornal, seja por meio de cartas, e-mails ou artigos. Todos esses textos mostravam a leitura crítica do público perante assuntos ligados ao meio ambiente, ressaltando a importância de tratar dessa



temática nos meios de comunicação. Apesar disso, os assuntos colocados em pauta pela população, embora relevantes, não são usados como pauta propriamente dita no jornal.

Nesse ponto, uma das características mais importantes do modelo, que é a inserção de assuntos de interesse público no foco das notícias, é deixada de lado na cobertura do dia-a-dia do veículo.

Também foi possível perceber que, apesar de em algumas semanas certos assuntos darem-se de forma contínua, houve um período grande sem notícias relacionadas ao meio ambiente. Esse fato ocorreu nas últimas semanas de fevereiro, quando o jornal ficou onze dias (entre os dias dezesseis e vinte e sete) sem nenhuma reportagem, notícia, carta ao leitor ou nota que tratasse da questão ambiental.

O “Jornalismo Público” necessita, assim, ser mais bem explorado no *Diário de Santa Maria*, assim como em outros periódicos brasileiros. Apesar de o jornal mostrar alguns aspectos positivos de envolvimento com a população local, é necessário que essa interação se firme cada vez mais, de forma que o jornal também se paute por meio das necessidades e dos anseios provenientes do seu público.

Percebe-se que é importante que o jornalismo esteja em constante transformação para acompanhar o seu público e, dessa forma, crescer com ele na construção da esfera pública. E é, justamente por isso, que se torna imprescindível a presença de novas formas de apuração e narração de histórias, dentre elas o *CJ*. Acreditamos que, dessa forma, será possível realizar um jornalismo que realmente discuta assuntos de interesse público e que, nesse contexto, aborde o meio ambiente de um modo mais coerente.

Conclusões

A partir dessa pesquisa, que considerou como período de análise os dois primeiros meses do ano de 2010, concluímos que a cobertura ambiental do *Diário de Santa Maria* não é completa. Baseando-nos em BUENO (2007), foi possível observar que, na maior parte das vezes, ela ficou restrita a certos pontos, que a temática foi apresentada, na maior parte das vezes, de modo indissociável de aspectos econômicos ou políticos, seccionada em editoriais abstratas e que em situações como a queda da ponte do Rio Jacuí, ela pendeu para um lado mais sensacionalista e descontextualizado.

Levando em conta o “Jornalismo Público” (FERNANDES, 2008) percebe-se que muito do que é proposto por esse modelo corresponde às principais carências apresentadas pelo veículo analisado nesse período específico. Se, por um lado, tem-se a



continuidade de determinados assuntos, por outro faltam iniciativas que insiram a população nas matérias e que apontem soluções concretas para os problemas apresentados, as quais possam ser assumidas pelo cidadão que tem o jornal em suas mãos.

Referências Bibliográficas

BUENO, W. C. **Jornalismo Ambiental**: explorando além do conceito. In: Desenvolvimento e meio ambiente, UFPR, n.15, p. 33-44, jan/jun 2007.

FERNANDES, M. **Civic Journalism**: haverá um modelo brasileiro? Guarapuava: Unicentro, 2008.

FONTCUBERTA, M. de; BORRAT, H. **Periódicos**: sistemas complejos, narradores em interacción. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão - SP: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003.